



JORNADAS
DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E
HUMANÍSTICOS
DE PARINTINS

ANAIS

UEA-UFAM
Latinitates

20, 21 e 22 de outubro de 2022

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da III Jornadas de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<http://latinitates.com/>
<https://amazonas.academia.edu/latinitas>
<https://www.facebook.com/latinitates/>
<https://www.youtube.com/latinitates>

Arte da capa: Renner da Silva Carvalho
Diagramação: Weberson Fernandes Grizoste
Revisão: Alexsandro Melo Medeiros

ISBN: 978-65-00-53317-0
ISBN digital: 978-65-00-53319-4

Latinitates – Estudos Clássicos e Humanísticos
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2022

- P. S. Vasconcellos (1991). **Catulo. O cancionero de Lésbia**. São Paulo: Hucitec.
- J. Ferreira (2005). **Catulo. Odeio e amo**. Coimbra, Minerva.
- J. A. Oliva Neto (1996). **Catulo. O Livro de Catulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- E. R. B. Evangelista; W. Grizoste (2019). «As contradições de Catulo» **Caderno de Resumos da XII Semana de Letras**. p. 8-10.
- B. E. Polastri; C. P. F. Morais; D. M. Alves



HIPÓLITO E BEATRIZ: BODES EXPIATÓRIOS DE PAIXÕES INCESTUOSAS

Miriam Trindade Lima [SEMED]
(orientador) Weberson Grizoste [CESP-UEA]

Resumo: *O delírio que sobre cai nas vidas de Hipólito e Beatriz faz com que trilhem por caminhos funestos, através de suas vidas inocentes que se constata o sentimento de injustiça e violação. O presente trabalho pretende analisar o trágico destino dos seres que sofreram enquanto filhos, a desgraça de serem alvos de uma paixão incestuosa pelos pais, indivíduos que deveriam proteger, todavia, não o fazem. Devido a isso, os filhos adotam as semelhanças sacrificiais do “bode expiatório”, da alma que é imolada pela expiação da culpa de outros.*

Palavras-chave Hipólito, Beatriz, incesto, Bode expiatório.

Hipólito e Beatriz carregam o peso de serem os alvos de sentimentos incestuosos pelas figuras paternas, embora de épocas distintas, as obras Fedra de Sêneca e Beatriz Cenci de Gonçalves Dias tematizam sobre a prática do incesto, ato que acarreta terríveis danos à saúde da aliança familiar.

O mito da paixão irracional de Fedra por seu enteado Hipólito revela inúmeras fatalidades, o filho de Teseu foge da rainha quando ela oferece seu pérfido amor, de modo a se livrar da culpa e sofrendo com a rejeição de seu amado Hipólito, mente ao marido, contando-lhe que seu enteado é quem atentou contra sua honra, fazendo Teseu irar-se contra ele e amaldiçoá-lo. Seu trágico destino a partir de então é

decretado, morre heroicamente após lutar com um monstro que emergiu das águas. Quando a verdade vem à tona, seu corpo já tinha padecido ao furor da paixão incestuosa de sua madrastra, bem como a perplexidade e precipitação de seu pai.

O fato histórico de Beatrice Cenci inspirou diversas obras, Gonçalves Dias em sua versão, retratou de forma drástica o desejo de Francisco Cenci de possuir a filha, a jovem não sabia dos verdadeiros desejos do pai, pois eram camuflados em forma de proteção e cuidado. Todavia, logo a farsa é desfeita com a realização do sórdido desejo do progenitor. Beatriz, seu noivo Marsio e a madrastra Lucrécia, cansados dos horrores do patriarca planejam por um fim a vida de D. Francisco, no entanto, são descobertos por ele, e uma cena de sangue é o que se passa, a família é aniquilada e Beatriz acaba por se condenar nessa catastrófica tentativa de vingança contra seu pai.

Hipólito e Beatriz são as vítimas por excelência das tragédias, é na figura deles e por meio de suas mortes prematuras e inocentes que se pode constatar o sentimento de violação e injustiça, desta forma, podem-se perceber semelhanças sacrificiais com o caso do “bode expiatório” neste estudo, como o bode expiatório de paixões incestuosas.

HIPÓLITO E BEATRIZ

A celebridade do príncipe ateniense dava-se pela sua vida honrosa, casta e livre de qualquer vício, o Hipólito de Sêneca é produto da filosofia do poeta, a filosofia estoica. Cardoso (1999, p. 130) vai nos dizer que “Sêneca deu frequentemente às tragédias um caráter parabólico, utilizando-as como exempla que ilustram as consequências do descontrolo dos sentimentos e das paixões”. Se Fedra simboliza a pessoa que se deixou dominar pelas paixões, tanto que perdeu a razão e quis possuir o enteado, por outro lado, o jovem é alguém de boa conduta, que vive de acordo com o pensamento estoicista, buscando o bem supremo, a natureza em harmonia e a sabedoria.

“Não há vida mais livre, isenta de vícios,
nem que respeite mais os costumes antigos,
Do que a de quem, longe dos muros, ama as selvas.
O furor do desejo voraz não inflama
Quem, inocente, consagrou-se aos altos cumes”
(Phae. 488-492).

Abstendo-se das paixões que a Urbs proporciona escolhe viver no campo servindo a casta Diana, rejeitando impetuosamente a vida citadina, bem como as paixões descontroladas. E diante disso, “padece de uma misoginia que o conduz a castidade e ao distanciamento das mulheres” (PIRATELI, MELO. 2010, p. 1).

São mais suaves as feras. A mulher, contudo,
é o guia do mal; sendo perita no crime,
envolve as almas: pela lasciva dessa impura,
tantas cidades ardem e há tantas guerras,
tantos reinos sepultos debaixo de escombros. (*Phae.* 569-573).

Hipólito rejeita com ferocidade as mulheres, responsabilizando-as pelas perversidades das sociedades, por isso Hipólito é incapaz de conviver harmonicamente com uma mulher, mantendo-se longe das cidades e das paixões, dedica-se a vida selvagem, a caça, a natureza e ao exercício de seus valores.

Conforme Pirateli e Melo (2010) Sêneca estabeleceu um padrão de “homem ideal” segundo a sua filosofia, que corresponde “àquele que seria capaz de manter o domínio e racionalização dos sentimentos, dos impulsos e das paixões” Hipólito é um exímio possuidor desse caráter, e através de suas obras “o dramaturgo romano propõe uma crítica e alternativas para os valores sociais presentes no mundo antigo” (SILVA, 2001, p. 155). Fazia dessa forma implicações à permissividade da sociedade romana. Zélia de Almeida Cardoso (2005, p. 190) faz um interessante estudo sobre o discurso misógino de Hipólito em Fedra e sua rejeição a Urbs, Hipólito ao “recusar a cidade corresponde a abominar seus males e a integrar-se no corpo universal cuja alma, segundo o pensamento estoico, é sopro ígneo que comanda a natureza, concedendo-lhe a estabilidade necessária”. Quanto mais se busca a perfeição moral ao abster-se do mundanismo mais se molda como o “homem ideal” senequeano.

Gonçalves Dias retratou drasticamente o drama de Beatriz Cenci, a filha que sofre o horror de ser alvo da luxúria de seu pai, Francisco Cenci. A bela jovem prepara-se para voltar ao convívio social, já que passara anos reclusa da sociedade como quis D. Francisco, assim como explica Priscila Souza de Lira:

Beatriz Cenci, personagem principal da obra, passa muitos anos enclausurada num calabouço do castelo

Rocca Petrella[...] Sua prisão fora arquiteta por seu pai, Francisco Cenci, que objetivava manter a filha longe das impurezas do mundo, garantindo que nenhum homem tivesse a ousadia de apreciar sua beleza. Após ter vivido esse longo período enclausurada, Beatriz Cenci é libertada e passa a morar no palácio com o pai e a madrastra Lucrecia Petroni. Nesse período, Francisco Cenci, passa a realizar vários saraus [...] Os saraus de Francisco Cenci, repletos de música, luzes e dança, tinham um objetivo em vista: “fascinar alguém” e esse “alguém” era sua filha, Beatriz Cenci (LIRA, 2012, p. 82).

A donzela vive de acordo com os desígnios de seu pai e se mantém inocente enquanto os seus reais desejos, Lucrecia que é igualmente vítima de seu marido inescrupuloso tem conhecimento das horrendas aspirações e tenta salvar a enteada, mas por estar em uma posição subalterna, não consegue proteger da desgraça que aguardava a menina.

A partir da violação de seu pai, Beatriz incutida pela madrastra planeja se vingar do patriarca e acabar com as suas monstruosidades. A família caminha por caminhos nefastos, a possibilidade de concerto é impossível, pois os atos de D. Francisco desencadeiam reações irremediáveis que chamam pela morte.

Minha mãe!...Minha mãe!... ah! (lançando-se nos braços della e escondendo o rosto) estou perdida!

D. LUCRÉCIA. Eu já sabia!... vinga-te.

BEATRIZ (afastando-se) Vingar-me!. Vingar-me! De meu pae?!!...

D. LUCRÉCIA Sim, de teu pae. – Ah! D. Francisco tiveste o arrojo de me insultar e estupidamente adormeceis no vosso leito. Oh!. Dormi meu nobre esposo! – dormi tranquilo que eu velarei solícita a vossa cabeceira.

O BODE EXPOIATÓRIO DE PAIXÕES INCESTUOSAS

As duas representações literárias trazem a temática do incesto em sua essência. Beatriz e Hipólito perecem por terem como algozes seus familiares, pessoas que deveriam oferecer proteção rompem com os princípios da aliança familiar, segue-se, então, desta forma, a imolação

das vítimas. Cardoso apud Dupont fala sobre a natureza sacrificial das tragédias senequianas:

“Tal espetáculo se inseriria numa ordem especial de espetáculos e ritos entre os quais se avulta pela importância os de natureza sacrificial. Na tragédia existe sempre um sacrifício, muito embora seu ritual seja pervertido já que quem o realiza está acometido de furor, a loucura em que se converte a paixão ou que com esta se identifica” (2005, p. 131).

Quando o ato incestuoso sobrevém a uma casa tem-se a morte conjunta familiar, a morte principalmente na condição espiritual, pois mesmo que se mantenha a vida, já não existe vida. Fedra e Hipólito padecem pelos desejos pecaminosos de seus pais, sangue inocente por mãos vis. Essas características que nos permitem a evocar a semelhança com o caso do bode expiatório e tomar como referência alguns de seus predicados.

Na antiguidade clássica, especialmente nas tragédias a problemática do *pharmakós* era constante, a alma que carregava o peso da expiação da culpa de outros, o sofrimento de inocentes em prol da legalidade cósmica, Grizoste (2013, p.74) na sua análise acerca do “caráter arcaico do *pharmakós*” declara que “o *pharmakos* não é culpado porque não há feito algo que lhe seja digno de sua expiação, mas pertence a uma categoria culpada”, nesse sentido trata-se de “um sacrifício involuntário e necessário a própria sorte” (GRIZOSTE, 2013, p. 79).

Dessa maneira, Hipólito não é culpado do desejo de sua madrasta, mas sucumbe por pertencer a uma sociedade culpada, tão culpada que leva o rapaz a fugir da sociedade, devotar sua vida a deusa da caça de maneira obcecada tornando-se selvagem e misógino que se transforma em furor com o ataque da madrasta.

A morte de Hipólito decreta sua inocência, pois o que lhe acontecera é muito maior do que ele poderia ocasionar no mundo, mas em parte é culpado por suas ações serem reflexos de uma sociedade culpada, no entanto não se nega o caráter sacrificial de quem dominado pelo furor agiu dissimuladamente, decretando-lhe o destino.

A jovem “beatriz, é um anjo do paraíso – a quem bastará - a certa altura – dizer que, afinal de contas, não deixa de ter nas veias o sangue dos Cencis (JACOBBI, 1958, p. 64). Possuidora do sangue

culpado busca vingança pelo crime cometido contra sua honra. De Beatriz fora tirado tudo, morreu de todas as formas possíveis, como filha; perdeu sua mãe, personagem que se legitimou como sua protetora, seu noivo Marsio e a esperança de liberdade que nutria quando planejaram acabar com o pai.

A obra não apresenta uma cena de morte de Beatriz, Lucrecia chega no momento em que D. Francisco estava revelando para moça que sabia da farsa e da tentativa de assassinato. Ciente de que vai morrer apunha-la a esposa e morrem os dois juntos. Com tudo, por um lado tem-se a verdade histórica e a confirmação da condenação a morte de beatriz, por outro, a morte enquanto solidão de estar sozinha no mundo que não conhece por crescer longe, trancafiada no palácio, de outro jeito jaz imolada, pois morrera muito antes da falência de seu pai

Contudo, tanto as paixões avassaladoras que desencadeiam catástrofes, quanto o atos libidinosos provocados por desvio de caráter que leva aos vícios, a imolação dessas vidas, de certa forma apresentam um estabilização da ordem, Hipólito morre e leva junto a fedra e sua doença, ainda deixando o impacto do acontecido para a população, servindo de ensinamento. Em Beatriz Cenci extingue-se um ciclo de violências e abusos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia estoica baseia-se no refreamento das paixões, embora de épocas distintas, pode-se perceber que as ações desmedida sem a racionalização, pode levar vidas a ruínas, Hipólito e Beatriz são as vítimas por excelência das tragédias e sofrem diretamente as consequências desses atos, tornam-se as ovelhas mudas que vão para o matadouro pelos atos de seu país. Finalizo com o pensamento de Cardoso (1999, p. 138) falando sobre as paixões em Sêneca “Em todos esses casos os crimes são marcados pela violência, pela crueldade, por terem como objeto pessoas da mesma casa, parentes, consanguíneos. Em todos esses casos, também, existe uma possibilidade de escolha”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Z. A. Cardoso (2005). **Estudos sobre as tragédias de Sêneca**. São Paulo: Alameda. p. 185-196.
- Z. A. Cardoso (1999). «O tratamento das paixões nas tragédias de Sêneca». **Letras clássicas**. 3, p. 129-145.

- A. G. Dias (1998) **Gonçalves Dias: Poesia e prosa completas**. A. Bueno (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- R. Jacobbi (1958). **Goethe, Schiller, Gonçalves Dias**. Porto Alegre, UFRS.
- W. F. Grizoste (2013) «O pharmakós: a questão do sacrifício voluntário» in K. Koike; W. Grizoste. **Estudo de hermenêutica e antiguidade clássica**. Coimbra, Edição de autores. p. 71-96.
- P. S. Lira (2012). **Gonçalves Dias Consagração e infâmia: a recepção crítica da dramaturgia de Gonçalves Dias**. Belém: Universidade Federal do Pará (dissert. policop.).
- M. A. Pirateli; J. J. P. Melo (2008) «O caráter pedagógico da poesia trágica de Sêneca». **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE**.
- J. A. S. Campos (2006) **Sêneca. Tiestes**. Lisboa: Verbo.
- J. B. Fontes (2007) «Sêneca. Fedra» in **Eurípedes, Sêneca, Racine, Hipólito e Fedra: três tragédias** São Paulo: Iluminuras.



O LIVRE-ARBÍTRIO NAS CONFISSÕES DO LIVRO IV DE SANTO AGOSTINHO: PELAS ESTRADAS DO ERRO

Sanny Kellen Anjos Cavalcante Canuto [UNEMAT]

Resumo: *Este artigo apresenta a concepção de livre-arbítrio segundo Santo Agostinho, a fim de verificar a origem do pecado e sua relação com as escolhas humanas. A pesquisa bibliográfica elucidada a busca humana pela liberdade e de que maneira a questão “vontade” deve ser considerada e relativizada. Diante desses postulados, Agostinho infere que o livre-arbítrio é um bem dado por Deus, cujo seu bom ou mau uso depende da ação humana.*

Palavras-chave: Livre-Arbítrio; Liberdade; Vontade; Pecado; Santo Agostinho.

INTRODUÇÃO

Aurelius Augustinus, popularmente conhecido como Santo Agostinho de Hipona, foi um estudioso teólogo e filósofo que buscava investigar o equilíbrio entre fé e razão. Desse modo, encontrava explicações filosóficas para indagações recorrentes acerca da fé cristã, não lhe bastando apenas o preceito de que “*a fé é o fundamento da*